

## A CRÍTICA AOS SACRIFÍCIOS NOS *FASTOS* E NAS *METAMORFOSES* XV

Raquel FAUSTINO  
Orientadora: Patricia Prata

**RESUMO:** É comum encontrarmos na obra ovidiana diversas alusões a obras de autores anteriores ou contemporâneos a ele, no entanto, chama-nos a atenção as alusões que o poeta faz a suas próprias obras. Alguns episódios dos **Fastos**, como pretendemos mostrar neste trabalho, nos remetem às **Metamorfoses** e vice-versa. Por serem muitas essas referências cruzadas, neste trabalho discorreremos a respeito de alguns trechos do livro I dos **Fastos** que tecem críticas ao sacrifício de animais (vv. 317-456) e passagens semelhantes encontradas no livro XV das **Metamorfoses**. Com isso pretendemos exemplificar como se dão essas alusões e como elas podem modificar a leitura dessas obras. Vale destacar que este trabalho é resultado das primeiras reflexões a respeito do jogo alusivo que se estabelece entre os **Fastos** e as **Metamorfoses**.

**Palavras-chave:** Estudos Clássicos, Ovídio, Fastos, Metamorfoses, Autotextualidade

### INTRODUÇÃO

Procuramos no presente trabalho apontar algumas alusões que encontramos entre dois livros da obra ovidiana: o livro I dos **Fastos** e o livro XV das **Metamorfoses**. Tais obras possuem em comum diversas passagens, mas selecionamos para este artigo os trechos que discorrem a respeito do sacrifício de animais, tecendo críticas a esse costume.<sup>1</sup>

Nos **Fastos** I, o poeta critica a prática religiosa da imolação de animais ao falar da origem desses sacrifícios cruentos. Nas **Metamorfoses**, são muitas as passagens que mencionam a prática de se sacrificar animais, mas o tema tem um maior destaque na fala de Pitágoras, no livro XV, quando esse filósofo critica os sacrifícios e também discorre a respeito de sua origem. Nosso objetivo nesse artigo é exemplificar como se dá a autotextualidade<sup>2</sup> entre essas obras e os efeitos de sentidos gerados a partir dessas alusões.

---

<sup>1</sup> É importante destacar que as traduções aqui apresentadas são de nossa autoria.

<sup>2</sup> Emprestamos aqui o conceito criado por Vasconcellos (2001), dentro da teoria intertextual, para melhor designar alusões que ocorrem entre obras de um mesmo autor.

Os trechos a serem trabalhados neste artigo foram ordenados de acordo com a sequência na qual são relatados no livro I dos **Fastos**. Assim, falaremos primeiro da origem do sacrifício de uma porca à deusa Ceres e de um bode ao deus Baco; a seguir, discorreremos sobre o mito de Aristeu e sobre os sentimentos dos deuses em relação a esses sacrifícios cruentos; por fim, falaremos a respeito da utilidade dos animais no campo como argumento desfavorável ao sacrifício.<sup>3</sup>

## ORIGEM DO SACRIFÍCIO DE UMA PORCA A CERES

Ao discorrer sobre a origem do sacrifício de uma porca à deusa Ceres nos **Fastos I**, o poeta diz o seguinte:

prima Ceres auidae gauisa est sanguine porcae,  
ulta suas merita caede nocentis opes;  
nam sata uere nouo teneris lactentia sulcis  
eruta saetigeræ comperit ore suis.

(F. I, 349-352)

Ceres foi a primeira a se contentar com o sangue de uma porca gulosa,  
Vingou sua plantação com a justa morte da culpada;  
Pois na recente primavera descobriu seu delicado campo semeado  
Com ternos sulcos destruído pela boca de uma porca cerdosa.

Tais versos nos remetem ao livro XV das **Metamorfoses** (vv. 111-113), no qual o poeta também relata, através da fala atribuída a Pitagóras, o primeiro sacrifício cruento realizado, o de uma porca à deusa Ceres:

'Longius inde nefas abiit, et prima putatur  
hostia sus meruisse mori, quia semina pando  
eruerit rostro spemque interceperit anni;

(Met. XV, 111-

113)

Desde então, mais longe foi o crime, e acredita-se que a primeira  
Vítima que mereceu morrer foi uma porca, que com seu focinho curvo  
Tinha comido as sementes e roubado a esperança do ano;

Assim, nos **Fastos**, conhecemos o sentimento da deusa em relação ao sacrifício e Ceres é nomeada; já nas **Metamorfoses**, pelo contexto podemos supor que a deusa seja Ceres, uma vez que o animal foi punido por ter comido as sementes,<sup>4</sup> mas o nome da deusa não chega a ser mencionado. Isso nos leva a pensar que esses episódios se complementam

---

<sup>3</sup> Vale destacar que nos **Fastos I** o poeta também fala sobre o sacrifício de aves (vv. 441-450), dizendo que essa prática não existia na chamada Idade de Ouro. Nas **Metamorfoses** encontramos um único verso que faz menção à origem desse tipo sacrifício (XV, v. 99). Sendo assim, embora tais passagens não sejam trabalhadas nesse artigo, acreditamos ser digna de nota mais essa referência entre as duas obras.

<sup>4</sup> Ceres é uma deusa romana identificada com a deusa grega da terra cultivada, Deméter (cf. GRIMAL, 1981, p. 99 e p. 131).

em alguma medida.

O adjetivo *prima*, utilizado no verso 111 das **Metamorfozes**, merece destaque nesta análise. Ainda que ele apareça qualificando *hostia* (“vítima”), parece aludir ao *prima Ceres* dos **Fastos**. Podemos pensar nessa alusão não apenas por esse adjetivo estar marcando nas duas obras o “primeiro” sacrifício já realizado, mas também por ser o *prima Ceres*, de acordo com Green (2004), uma fórmula muito utilizada para se começar a falar dessa deusa.<sup>5</sup> Dessa forma, apesar de Ceres não ser nomeada nas **Metamorfozes**, haveria em *prima* uma alusão a seu nome.

Outro dado importante é que, nos **Fastos**, é destacada a gula da porca que também é caracterizada como sendo cerdosa; nas **Metamorfozes**, a porca é dita possuir um focinho curvo. Uma vez que as obras tratam do primeiro animal a ser sacrificado, sabemos que as duas estão caracterizando a mesma porca. Por esse motivo nos parece curioso observar como essas obras não descrevem o animal da mesma forma, mas, ao mesmo tempo, não se contradizem nessa caracterização; assim, os episódios se complementam também no que diz respeito à descrição dessa porca.

Vale também lembrar que, nas **Metamorfozes**, aparecem as terríveis consequências do ato da porca: uma vez comidas todas as sementes, não haveria mais esperança de colheita naquele ano, pois essa esperança teria sido “roubada” pela porca. Como ambas as obras estão falando de um mesmo sacrifício, seria preciso ler as duas para ter todas as informações a respeito de como era essa porca, de como era o campo semeado e de como grave foi o feito do animal.

## ORIGEM DO SACRIFÍCIO DE UM BODE A BACO

Em relação à origem do sacrifício de bodes ao deus Baco, é curioso observar que nas duas obras o trecho que trabalha esse episódio segue o episódio a respeito da origem do sacrifício de porcas a Ceres. Nos **Fastos**, o poeta liga os dois episódios da seguinte maneira:

*Sus dederat poenas: exemplo territus huius  
Palmite debueras abstinuisse, caper.*

(F. I, 353-354)

A porca fora castigada: aterrado com o exemplo dela,  
Ó bode, deverias ter poupado a videira.

Já nas **Metamorfozes**, a passagem de um episódio a outro é mais abrupta, e, sem fazer uma passagem mais delicada de um episódio a outro, assim o poeta relata o sacrifício a Baco:

*Vite caper morsa Bacchi mactatus ad aras  
Dicitur ultoris; nocuit sua culpa duobus.*

(Met. XV, 114-115)

---

<sup>5</sup> cf. *Geórg.* I, 147; **Met.** V, 341-343.

Acredita-se que um bode, pela videira mordiscada, foi oferecido  
Aos altares do Baco vingador: sua culpa prejudicou aos dois.

Nas **Metamorfoses**, o poeta nos conta então que um bode foi sacrificado a Baco por ter mordido uma videira, planta consagrada a ele, deus do vinho.<sup>6</sup> E o poeta termina o verso dizendo que a culpa prejudicou tanto o bode quanto a porca, unindo, por fim, os dois episódios.

Nos **Fastos**, o poeta continua a narração do episódio da seguinte forma:

*Quem spectans aliquis dentes in uite prementem,  
Talia non tacito dicta dolore dedit:  
«Rode, caper, vitem; tamen hinc, cum stabis ad aram,  
In tua quod spargi cornua possit erit».  
Verba fides sequitur: noxae tibi deditus hostis  
Spargitur affuso cornua, Bacche, mero.*

(F. I, 355-360)

Alguém, vendo-o apertar os dentes contra a videira,  
Em aflição não silenciosa, pronunciou tais dizeres:  
“Rói, bode, a videira! Mas, por causa disso, quando tu chegares ao altar,  
A videira será algo que se pode derramar sobre teus chifres”.  
Às palavras segue sua execução: o culpado é dado a ti, Baco,  
E seus chifres são espargidos com o vinho derramado.

Em relação à origem do sacrifício de um bode ao deus Baco, chama-nos a atenção os seguintes versos:

*Vite caper morsa Bacchi mactatus ad aras*

(Met. XV,

114)

«Rode, caper, vitem; tamen hinc, cum stabis ad aram,

(F. I, 357)

Em ambos os versos temos, na primeira posição, uma palavra de quatro letras terminada em “e” (o ablativo *vite*, nas **Metamorfoses**, e o imperativo *rode*, nos **Fastos**), seguidas por *caper*, embora em uma obra esteja no nominativo e na outra, no vocativo. Além disso, a palavra *vitis* (“videira”) se encontra presente nos dois versos, ainda que declinada em casos diferentes e ocupando posições distintas. Ambos os versos terminam com a indicação de que o animal foi levado até o altar: *ad aras* (“até os altares”), nas **Metamorfoses**, e *ad aram* (“até o altar”), nos **Fastos**.

A alusão nos parece evidente e traz novamente aquele interessante efeito de complementaridade entre as obras. Nas **Metamorfoses**, o poeta apenas diz que o bode, por ter mordido uma videira, foi sacrificado a Baco. No entanto, é nos **Fastos** que encontramos mais detalhes a respeito desse episódio, pois Ovídio então narra o momento em que o bode teria sido advertido por estar mordendo a videira e, em sequência, descreve a cerimônia na qual o bode é sacrificado.

---

<sup>6</sup> Cf. Grimal (1981, p. 140).

Ainda em relação ao trecho das **Metamorfoses** sobre esse episódio, chama-nos a atenção o seguinte verso:

*Dicitur ultoris; nocuit sua culpa duobus.*

(Met. XV, 115)

Tal passo parece aludir a um verso dos **Fastos** I no qual o poeta questiona se outros animais comumente sacrificados, como bois e ovelhas, teriam alguma culpa. Observe:

*Culpa sui nocuit, nocuit quoque culpa capellae.*

(F. I, 361)

A culpa causou sua morte, também a culpa causou a morte da cabrinha.

O poeta usa a mesma expressão nos dois versos para falar a respeito da culpa dos animais: *nocuit sua culpa*, nas **Metamorfoses**; e *culpa sui nocuit*, nos **Fastos**. E embora nessa passagem das **Metamorfoses** Pitágoras não pareça demonstrar nenhum sentimento de compaixão em relação a essas vítimas, nos **Fastos**, ao falar da culpa desses animais, temos o uso do diminutivo *capella* (“cabrinha”), o que inspira compaixão por esse animal. É preciso ainda dizer que, segundo Green (2004), Ovídio troca *caper* (“bode”) por *capellae* nessa passagem para jogar com a palavra *culpa*, e não porque está se referindo a outro animal.

## **SOBRE O SACRIFÍCIO FEITO POR ARISTEU**

Nas **Metamorfoses** há um trecho no qual Pitágoras discorre a respeito da utilidade dos animais e, assim, descreve como um touro é capaz de gerar novas vidas:

*Siqua fides rebus tamen est addenda probatis,  
Nonne uides, quaecumque mora fluidoue calore  
Corpora tabuerint, in parua animalia uerti?  
I scrobe delecto mactatos obrue tauros  
(Cognita res usu) de putri uiscere passim  
Florilegae nascuntur apes, quae more parentum  
Rura colunt operique fauent in spemque laborant;*

(Met. XV, 361-367)

Mas se alguma confiança vós reconhecerdes nas coisas relatadas  
Não vês, que os todos os corpos que se deterioram com o passar do tempo  
E com o calor, em pequenos animais se convertem?  
Vai, enterra os touros imolados em um buraco escolhido  
(Isso é conhecido pela prática): de suas vísceras apodrecidas por toda parte  
Nascem abelhas que colhem os sucos das flores, as quais, tal como seus progenitores,  
Cultivam os campos, empenham-se no trabalho e se esforçam pela recompensa;

Nos **Fastos**, quando o poeta discorre a respeito da origem do sacrifício de um ouro (vv. 363-380), ele relata o mito de Aristeu que, para recuperar suas obelhas, imolou um novilho. O poeta assim exemplifica que há algum benefício em casos específicos de sacrifício,

isto é, o sacrifício feito por Aristeu poderia ser considerado legítimo por ter resultado em muitas vidas. Já nas **Metamorfoses**, o trecho citado acima não está tratando especificamente de sacrifícios, mas da putrefação e da geração de novas vidas. Assim, o poeta explica que um corpo enterrado pode fazer com que nasçam abelhas. Nos parece evidente a alusão ao episódio relatado nos **Fastos I** no qual Aristeu, instruído por sua mãe, enterra um novilho.

Nos **Fastos I**, assim narra o poeta o resultado de tal sacrifício:

Iussa facit pastor. feruent examina putri  
De boue: mille animas una necata dedit.

(F. I, 379-380)

As ordens cumpre o pastor. E do boi apodrecido pululam  
Os exames: mil vidas um só corpo morto deu.

Vale destacar que, nas **Metamorfoses**, o episódio fala a respeito da prática de se enterrar um touro para que nasçam abelhas como se essa fosse uma prática comum. No entanto, quando percebida a alusão aos **Fastos**, fica claro que se trata de uma referência ao mito de Aristeu, personagem que não chega a ser nomeado nas **Metamorfoses**. O que nos leva a essa conclusão é que, embora nas **Metamorfoses** o sacrifício do touro seja citado para exemplificar a putrefação, que, acreditava-se na época, originava novas vidas, não são criaturas como vermes e moscas que se formam a partir do corpo enterrado,<sup>7</sup> mas abelhas, o que não faz sentido quando não se tem em mente o mito do apicultor.

## **SOBRE O SENTIMENTO DOS DEUSES EM RELAÇÃO AOS SACRIFÍCIO CRUENTOS**

Ao falar da origem dos sacrifícios de aves nos **Fastos I**, além de expor a culpa desses animais (vv. 448-449), a exemplo do que o poeta faz ao falar da porca e do bode, Ovídio afirma que os deuses se deleitam com o sacrifício dessas aves, pois elas seriam culpadas de um crime gravíssimo: revelar os pensamentos dos deuses. Assim, observamos que, ao falar da imolação das aves, embora o poeta critique os sacrifícios de maneira geral, ele não deixa de afirmar que os deuses sentiam prazer com essa matança, apresentando um argumento favorável a essa prática.

Há, no entanto, uma diferença importante entre o que poeta diz a respeito das aves e o que ele diz a respeito de Baco e de Ceres. Em relação a Ceres e a Baco, podemos pensar que os deuses só se alegraram com o sangue daquela porca e daquele bode em especial, pois eles eram de fato culpados de um crime; mas isso não significa que os deuses aprovariam o costume de se sacrificar porcos e bodes inocentes em memória daquele crime cometido no passado. Mas, em relação ao episódio das aves, o poeta parece dizer que todas as aves são mesmo culpadas e que, por isso, seu sacrifício seria motivo de prazer para os deuses.

---

<sup>7</sup> O que muito provavelmente era observado em corpos em avançado estágio de putrefação, inspirando a crença na geração espontânea.

Nas **Metamorfoses**, Pitágoras critica não apenas todo o tipo de sacrifício de animais, como também o consumo de sua carne (XV, v. 110). Mas o que mais nos chama atenção é que Pitágoras critica veementemente a tese de que os deuses sentiriam prazer com os sacrifícios. Observe:

*nec satis est, quod tale nefas committitur: ipsos  
inscripsere deos sceleri numenque supernum  
caede laboriferi credunt gaudere iuveni!*

(Met. XV, 127-129)

Não basta cometer tamanha impiedade: designaram os próprios deuses como protetores do crime e acreditam que o nume supremo se regozija com a morte de um laborioso novilho.

Nos **Fastos**, como vimos, o poeta diz que os deuses se alegram com o sacrifício de aves, mas não sabemos ao certo se seria válido estender essa afirmação para todos os sacrifícios. O que sabemos é o que poeta critica os sacrifícios, mas traz algumas ressalvas. Assim, no caso da porca e do bode, o primeiro sacrifício foi legítimo porque os animais foram de fato culpados. No caso de Aristeu, seu sacrifício também foi legítimo, pois, a partir de uma só criatura morta, surgiram milhares de vidas. Há também um outro exemplo de sacrifício citado nos **Fastos I** que seria legítimo: o de uma cerva à Diana, pois uma cerva teria sido sacrificada no lugar de uma donzela, salvando uma vida humana (vv. 387-390). Assim, o que Ovídio condena é o hábito de se continuar a sacrificar esses animais sem benefício algum nisso.

## SOBRE A UTILIDADE DOS ANIMAIS

Outro ponto interessante nas obras analisadas é a piedade do poeta para com os animais que comumente eram sacrificados. Em dado momento nos **Fastos I** o poeta pergunta:

*Culpa sui nocuit, nocuit quoque culpa capellae.  
Quid bos, quid placidae commeruistis oues?*

(F. I, v. 361-362)

A culpa causou sua morte, também a culpa causou a morte da cabra:  
Do que, ó boi, do que, ó pacíficas ovelhas, fostes culpadas?

*Quid tuti superest, animam cum ponat in aris  
Lanigerumque pecus ruricolaeque boues?*

(F. I, v. 383-384)

O que em segurança continuará a existir, quando nos altares perdem  
A vida o rebanho lanífero e os bois do agricultor?

De maneira muito parecida, Pitágoras, nas **Metamorfoses**, também demonstra compaixão e se questiona a respeito da culpa de animais que são úteis aos homens:

*quid meruistis oues, placidum pecus, inque tuendos  
natum homines, pleno quae fertis in ubere nectar,  
mollia quae nobis uestras uelamina lanas  
praebetis uitaque magis quam morte iuuatis?  
quid meruere boues, animal sine fraude dolisque,  
innocuum, simplex, natum tolerare labores?*

(Met. XV, 116-121)

Que ganhastes ovelhas, rebanho pacífico e nascido  
Para servir aos homens, que levais leite em suas tetas cheias,  
Que a nós ofereceis vossas lãs como vestes macias  
E que ajudais mais com a vida que com a morte?  
Que ganharam os bois, animal sem engano ou maldade,  
Inofensivo, inocentes, nascido para suportar labores?

Dois versos dos trechos acima citados nos parecem muito semelhantes entre si:

*Quid bos, quid placidae commeruistis oues?*

(F. I, v. 361)

*quid meruistis oues, placidum pecus, inque tuendos*

(Met. XV, 116)

Além dos dois versos se iniciarem com o pronome interrogativo *quid*, podemos notar também que, ocupando a quarta posição, bem no meio do verso, há o adjetivo *placidus*: em uma obra qualificando *oues* (“ovelhas”) e, na outra, *pecus* (“rebanho”). Também merece destaque as perguntas que podemos extrair desses versos: *quid commeruistis oues?*, nos **Fastos**; e *quid meruistis oues?*, nas **Metamorfoses**. Uma vez que o verbo *commereo* é formado a partir da junção do prefixo *con-* com o verbo *moreo* (“merecer”),<sup>8</sup> temos, basicamente, a mesma pergunta nas duas obras para demonstrar compaixão pelas ovelhas ao questionar qual seria então sua culpa. Nos *Fastos*, o poeta inclui também na pergunta *bos* (“o boi”); já nas **Metamorfoses**, a pergunta em relação ao boi se encontra no verso 120: *quid meruere boues?* Green (2004), ao comentar o verso 362 dos **Fastos** I, afirma que Ovídio invoca de forma abreviada o discurso de Pitágoras, o que corrobora nossa análise.

Nas **Metamorfoses**, além de questionar a respeito do que mereciam esses animais, o poeta se estende um pouco mais para falar do quão úteis são suas vidas para os humanos:

*Inmemor est demum nec frugum munere dignus,  
qui potuit curui dempto modo pondere aratri  
ruricolam mactare suum, qui trita labore  
illa, quibus totiens durum renouauerat aruum,  
tot dederat messes, percussit colla securi.*

(Met. XV, 122-126)

---

<sup>8</sup> Ainda que em nossa tradução tenhamos utilizado sentidos diferentes para os dois verbos, de acordo com o **Oxford Latin Dictionary**, eles possuem, na essência, o mesmo sentido. Vale dizer que o verbo *moreo* possui também a forma deponente *mereor* e que essas formas, ainda segundo o OLD, são igualmente utilizadas. Ainda sobre a formação do verbo *commereo*, Green (2004) explica que Ovídio tinha preferência pelo emprego de verbos com o prefixo *-con-*.

Ingrato é, em suma, e indigno da graça dos produtos da terra,  
Quem pôde imolar ao que cultiva o campo aquele que acaba de se aliviar  
do peso do curvo arado, quem naquele trabalho habitual  
golpeou com a machadinha o pescoço que por tantas vezes  
Volveu a terra com o arado e produziu tantas colheitas.

Assim, Pitágoras critica a prática do sacrifício evocando um sentimento de justiça em relação aos animais: o homem que se volta contra o animal que tanto lhe ajuda seria então um ingrato. Nos **Fastos I**, podemos supor que essa utilidade se encontra subentendida, pois quando o poeta qualifica o rebanho como lanígero e destaca que o boi pertence ao agricultor (v. 384), ele também está destacando o trabalho desses animais no campo. Assim, acreditamos que também nesse caso as duas obras se complementam de uma maneira muito interessante, pois uma ideia que já se encontra nos **Fastos I** aparece de forma mais desenvolvida nas **Metamorfoses**.

Por fim, outro ponto que merece destaque é a voz de autoridade por trás da crítica feita por Pitágoras e da crítica feita pela voz do próprio poeta nos **Fastos**. Vale dizer que o filósofo é apresentado, nas , como uma pessoa muito instruída e digna de respeito. Quando Pitágoras inicia seu discurso, é dito que ele abriu sua “douta boca” (*ora docta*)<sup>9</sup> para denunciar o crime de se matar animais; assim, quem critica os sacrifícios não é necessariamente o poeta, mas uma pessoa de grande instrução, o que confere maior autoridade ao discurso e, ao mesmo tempo, isenta a persona-poética ovidiana da responsabilidade sobre um trecho que trata criticamente de um tema tão delicado.

Tendo em vista que o imperador Augusto, segundo Green (2004), estava promovendo uma reforma na religião romana que incluía a restauração de antigos costumes como a prática de sacrifícios de animais, o discurso contrário a essa prática encontrado nas duas obras pode ser considerado uma afronta ao imperador. Assim, é ainda mais curioso quando nos voltamos para a persona que critica essa matança nos **Fastos**, pois já não se trata mais da fala de um personagem ilustre, mas da voz do próprio poeta. Ainda segundo Green (*op. cit.*), os **Fastos** é uma obra de cunho religioso com a qual o poeta talvez estivesse tentando agradar o imperador. Levando isso em conta, podemos perceber o peso que esse discurso tem dentro da obra, pois não parece se enquadrar na proposta dos *Fastos*.

## CONCLUSÃO

De acordo com os estudiosos da obra de Ovídio, esses poemas foram escritos em uma mesma época, entre os anos 2 e 8 d.C. Sendo impossível precisar qual obra teria sido escrita primeiro, poderia ser difícil estabelecer qual obra estaria aludindo a outra. No entanto, levando em conta as referências apresentadas nessa análise, percebemos que, na verdade, as alusões são mútuas, o que torna desnecessário descobrir qual teria sido escrita primeiro, se é que não foram escritas simultaneamente. Assim, as duas obras possuem de fato, como dissera Hinds (1987, p. 43 *et passim*), referências cruzadas.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Cf. **Met.** XV, vv. 73-74.

<sup>10</sup> *Cross-references*.

A impressão que temos é que essas duas obras se complementam. Alguns temas nos **Fastos** são apenas mencionados, como a utilidade dos animais, mas aparecem mais desenvolvidos nas **Metamorfoses**; em contrapartida, temas que são apenas mencionados nas **Metamorfoses**, como o sacrifício feito por Aristeu e o de um bode ao deus Baco, aparecem descritos de forma mais extensa no poema-calendário.

Dessa forma, apesar dessas obras possuírem passagens semelhantes, elas não são repetitivas ao abordar um mesmo tema. As alusões marcam o uso de um recurso interessante, pois o poeta, ao tratar brevemente em uma obra de um tema que já se encontra na outra, remete o leitor para o trecho no qual ele encontrará o mesmo assunto abordado de forma mais desenvolvida. Assim, essa complementaridade torna a leitura mais rica, pois um leitor capaz de percebê-las obtém uma compreensão mais ampla dos assuntos abordados nos dois poemas.

Há ainda muito a se estudar a respeito do jogo alusivo encontrado nessas obras. No entanto, acreditamos que a pequena análise aqui apresentada seja suficiente para exemplificar como de fato há referência cruzadas entre os **Fastos** e as **Metamorfoses** e como elas fazem com que a leitura de uma obra complemente a leitura da outra.

## **BIBLIOGRAFIA**

- OVID. **Metamorfosis**. Traducción por Antonio Ruiz Elvira, vol. III, 4ª. ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994.
- OVIDE. **Les Fastes**. Traduit et annoté par Henri Le Bonniec, préface de Augusto Fraschetti. Paris: Les Belles Lettres, 1990.
- GREEN, S. J. *Ovid, Fasti I – a commentary*. 1ª ed. Netherlands: Brill Academic Publishers, 2004.
- GRIMAL, P. **Diccionario de Mitología Griega y Romana**. 6ª ed. Editorial Paidós, Barcelona, 1981.
- HINDS, S. J. **The Metamorphosis of Persephone: Ovid and the self-conscious Muse**, Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- OXFORD **Latin Dictionary**. Oxford: The Clarendon Press, 1968.
- VASCONCELLOS, P. S. de. **Efeitos Intertextuais na Eneida de Virgílio**. São Paulo: Humanitas, 2001.